

5ª FEIRA | DIA 24 | 15H | PEQUENO AUDITÓRIO | CCB
ENSAIO PARA A IMPRENSA DE

OLHOS DE AREIA



OLHOS DE AREIA

CLÁUDIA NÓVOA APRESENTA A SUA NOVA CRIAÇÃO APOIADA NO TRABALHO DA
ARTISTA VISUAL NORTE-AMERICANA FRANCESCA WOODMAN

25 E 26 JANEIRO | 21H00 | PEQUENO AUDITÓRIO | CCB

.....

Coreografia:

CLÁUDIA NÓVOA

Interpretação e co-criação:

AINHOA VIDAL | CLÁUDIA NÓVOA | JOANA BERGANO | PEDRO RAMOS | SANDRA ROSADO

.....

“Parto de imagens que me ficaram gravadas no coração. Imagens da fotógrafa Francesca Woodman, imagens que ela habita com uma presença inquietante. Ela pertence inteiramente aos espaços que habita, aos instantes que ficaram fixados pela objectiva.

Pôs fim a uma vida curta e intensa de uma forma abrupta. Isso ainda é mais inquietante.

Imagens que se ligam na minha cabeça a outras imagens e sensações, sensações muito primárias.

Como por exemplo a sensação de plenitude que me provoca o cheiro da terra molhada depois de uma chuva intensa.

Ela fotografou-se como sendo um anjo. Eu acho que os anjos se parecem de facto com ela.

Dizem que quando passa um anjo faz-se silêncio.

É esse silêncio que eu quero escutar, uma pausa no tempo, é desse silêncio que quero partir, prolongar os instantes, fazê-los viver.

À partida, toda a Natureza se organiza numa cadeia de relações perfeitas. Tudo tem o seu lugar:

Ao dia segue-se a noite. À noite segue-se o dia.

A lesma come a erva, o insecto come a lesma, o rato come o insecto, o gato come o rato, a raposa come o gato, o leopardo come a raposa, o leopardo morre e o abutre come a carne do leopardo, o

que resta transforma-se em nutrientes que dão de comer à terra e da terra nasce a erva que dá de comer à lesma, que dá de comer ao insecto, que é comido pelo rato, que é a comida do gato, que faz as delícias da raposa, que é abocanhada pelo leopardo...

Demasiado perfeito.

Mas este é um equilíbrio frágil. De um momento para o outro tudo se pode transformar. O nosso equilíbrio interior também reflecte estas fragilidades que encontramos no nosso mundo aparentemente tão perfeito.

Há a vida. Há a morte.

Tão simples como isto.

Tudo é feito de opostos.

Claro-escuro.

E depois há um sem-fim de *nuances*, diferentes gradações numa escala de cinzentos. Sem importância.

Todos os dias, num qualquer canto do mundo, há uma vida, há um lugar que desaparece. Mas todos os dias, num qualquer canto do mundo, surge uma vida, surge um novo lugar.

A capacidade de reorganização, de reconstrução, de recriação é notável."

Cláudia Nóvoa, Janeiro 2007

"...Ela está presa pelos cabelos. Um fio invisível prende-a ao céu. Um anjo encurralado, um anjo endiabrado com corpo de menina bem-comportada.

Gosto de anjos, encanta-me esta visão infantil e poética da morte. Gosto de tornar o pesado leve..."

Cláudia Nóvoa, Abril 2007

"...Engoliu toda a água da chuva, da sua boca já não saem palavras, pelo menos compreensíveis, é normal, mas não a entendem..."

Cláudia Nóvoa, Maio 2007

"...Os meus olhos sentem-se de areia. São de areia. Desfazem-se com o vento. Dissolvem-se, transformam-se, transformam-me, modificam o que vejo e o que não vejo torna-se visível. Sinto-me cansada ultimamente... de areia, sem ossos."

Cláudia Nóvoa, Setembro 2007

"Penso a criação como uma recriação permanente de informação. Informação que nos chega dos mais variados sítios, como imagens, livros, vivências, músicas, enfim, tudo o que faz de nós seres diferentes. A forma como cada um organiza e conecta as várias informações é uma das coisas que me interessa explorar.

A Francesca Woodman tem uma forma peculiar de organizar e transformar essa informação em imagens. Um trabalho de grande sensibilidade, que me tocou profundamente. Vi as imagens dela pela primeira vez numa exposição no CCB. Fiquei com elas impressas dentro de mim.

Tudo o que fiz, parti de imagens dela, de livros que ela leu, de apontamentos que deixou, do muito que já se escreveu sobre ela, mas as conexões que eu fiz levaram-me noutra viagem, onde embarcaram todos os que comigo trabalharam. Gostaria de deixar claro que este, não é um trabalho sobre ela, ou sobre o trabalho dela, nunca teria a pretensão de o fazer, é um trabalho que tem como ponto de partida tudo o que ela nos deu, e tudo o que ela nos levou a pensar. Foi quase uma necessidade. De alguma forma, acho que lhe devo este trabalho."

Cláudia Nóvoa, Dezembro 2007

"O líquido pode ser usado para delinear movimento, isto é, a tinta derramada acentua o seu movimento mais que os seus próprios sapatos cheios do pó que derramam no meu chão as formas do movimento deixadas pelo rastro do pó.

Isto combina com a tinta preta derramando formas / papel de parede - tornando-se ambiente."

"Agora é quarta-feira. Tenho areia no couro cabeludo, olhos de areia sonolentos, pensamentos de areia, todos vindos do mar. Que era onde eu estive, em vez de qualquer outra coisa durante todo o fim-de-semana. Enquanto caminhámos, e quando chegámos ao oceano, levei muito tempo até ser capaz de o olhar, porque é uma coisa tão bela e tão assustadora para mim.

A minha caneta está a ser limpa - eu não gosto de pensamentos de esferográfica - mas a minha caneta realmente tinha de ser limpa, como se pode ver pelo relevo em páginas recentes."

"...o meu pai ensinou-me a descascar uma laranja em espiral, de modo a que no fim fosse possível voltar a montá-la e a criar uma espécie de ilusão. Não consigo fazer bolhas nem fazer a roda, portanto isto era uma habilidade importante.

Actualmente, isto faz-me sempre lembrar um antigo costume irlandês do rei Artur, em que se alguém cortar uma tira de pele a toda a volta de um homem morto e depois estender essa tira à volta de um homem adormecido, e quando ele acordar apaixonar-se-á por si. É claro que se ele acordar enquanto estiver a estender essa tira, ele morre..."

"As coisas pareciam estranhas porque as minhas imagens dependem de um estado emocional... Sei que isto é verdade e pensei nisso durante muito tempo. De alguma forma, isso faz-me sentir muito, muito bem."

Francesca Woodman, 1973

... ..

TEXTO DE MARGARIDA VEIGA

"Interessa-me a maneira como as pessoas se relacionam com o espaço. A melhor forma de o fazer é retratar as suas interacções nas fronteiras desses espaços. Comecei a fazer isto com desenhos de fantasmas, pessoas que se desvanecem num plano liso - ou seja, ficando a parede por baixo do papel de parede ou de uma extensão da parede para o chão... cassetes de vídeo também - pessoas transformando-se ou emergindo do ambiente."

"Mostro-te aquilo que tu não vês, uma força corporal interior." - F. Woodman

Em *As Asas do Desejo*, filme realizado em 1987 por Wim Wenders, há anjos nas ruas de Berlim. Anjos que, ainda que invisíveis, protegem os homens. Há anjos que vagueiam pelas ruas de Berlim, pela Biblioteca, pelo Circo, por todo o lado, observando as atitudes e vivências humanas, olhando para e pelos humanos.

São anjos que em termos físicos se assemelham aos homens. E são sobretudo anjos com o poder de decidirem tornar-se homens.

O facto de os anjos de Wenders poderem tornar-se humanos traz à luz a questão de que se os humanos são menos perfeitos por serem mortais, os anjos não são, ou pelo menos não se sentem mais perfeitos por o serem. O ideal será então o equilíbrio: a aliança entre o espiritual e o corpóreo, o acesso aos dois estágios da existência.

Também na fotografia de Francesca Woodman os anjos são uma presença constante, anjos adolescentes que não são fáceis de fotografar e que transitam da ficção para a realidade e vice-versa. O mimetismo entre o corpo e o espaço apresenta-se em séries ou em elementos isolados em que se pressente a cada momento o carácter performativo da acção. O movimento do corpo feminino que se materializa e desmaterializa como uma "aparição" é deliberadamente minimalista e no espaço/arquitectura interior, todos os elementos se encontram prodigiosamente encenados para que o equilíbrio entre o conceptual e o emocional se aproximem da perfeição.

O desafio assumido pela coreógrafa Cláudia Nóvoa é muito arrojado.

A apropriação de uma vivência e de um espaço criativo carregados de uma carga simbólica tão intensa como a que nos propõe F. Woodman pressupõe preocupações profundas com o papel da mulher na sociedade e do seu corpo no mundo contemporâneo.

A coreógrafa manifesta a sua presença, inquietada que ora assume uma forte relação com o espaço envolvente e com os elementos que o integram ou se despoja de tudo o que está à sua volta.

A fragilidade dos equilíbrios que nos conduzem a situações sem saída... ou muitas vezes a uma energia criativa desmesurada...

... ..

FRANCESCA WOODMAN

Nasceu em 1958 em Denver (Colorado), numa família de artistas. Começou a fazer fotografia com treze ou catorze anos de idade, seguindo esta via artística até aos vinte e dois anos, construindo num breve lapso de tempo uma obra notável, coerente e de uma intensa emoção. Entre 1975 e 1979 estudou na Rhode Island of Design, em Providence, onde lhe é concedida uma bolsa de estudo, entre milhares de estudantes, que lhe permite passar um ano em Roma. Nesta cidade, descobre a livraria-galeria Maldoror onde faz a sua primeira exposição individual. De regresso aos Estados Unidos, finaliza os seus estudos em Providence, instalando-se depois em Nova Iorque. Aqui, desenvolve projectos de maior envergadura, como os diazótipos (grandes formatos sobre papel azul ou sépia). Desenha maquetas de livros apresentando as suas fotografias. Apenas o seu livro *Some Disordered Interior Geometries* seria publicado em 1981, data em que pôs fim à sua vida.

In Catálogo Centro Cultural de Belém/ Fondation Cartier pour l'art contemporain